

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E GÊNERO: PROVOCAÇÕES PÓS- ESTRUTURALISTAS

Elisângela Barbosa Madruga

Camila da Silva Magalhães

Resumo: O presente artigo é resultado de duas pesquisas na área da Educação Ambiental, tendo como objetivo analisar o modelo de sujeito contemporâneo. Amparando-se nos autores dos estudos culturais e do campo pós-estruturalista discute-se como esse padrão é construído e acionado pelos artefatos postos em análise. Este é resultado de uma intervenção na escola, na qual utilizou-se a criação de um avatar como ferramenta e da análise da literatura infantil presentes em sala de aula. Nesse sentido, procurou-se mostrar a existência de um estereótipo de sujeito. Percebeu-se, a predominância do gênero masculino com características específicas tanto nas vozes das crianças quanto na literatura infantil.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Gênero. Sujeito.

Provocações iniciais

Diariamente somos interpelados pela mídia, seja ela televisiva, impressa ou digital com reportagens, documentários ou propagandas que versam sobre as questões ambientais. Em sua grande maioria, traz um apelo pela preservação da natureza como uma das mais importantes ações humanas para ter um futuro melhor. Também trazem com isso, uma certa forma de ser e se comportar em um momento que é permeado pelas incertezas de uma crise ambiental, materializada por uma série de acontecimentos como mudanças climáticas, terremotos, escassez de recursos naturais, derretimentos de geleiras etc. Apesar de alguns desses fatos serem decorrentes do próprio clima e atingirem a todos sem um aviso prévio, a maior parte da culpa é colocada sobre o homem e evidenciada pela sua forma de se relacionar com a natureza ao longo dos séculos.

Assim, a partir de inquietações tecidas no grupo de pesquisa, que visa abordar e problematizar as contingências do campo da Educação Ambiental, apontam-se algumas provocações que colocam em suspenso, entre outras questões: que sujeito é esse que vem se relacionando com a natureza e “provocando” sua degradação? Que sujeito é esse que por outro lado é tomado como capaz de reverter algumas marcas devastadoras deixadas pela presença humana no mundo? Como artefatos culturais, como os jogos e a literatura infantil vem narrando o comportamento humano e que homem é este? Para realizar essas discussões, traz-se como objetos de análise duas pesquisas; a primeira tendo como objeto de análise a

construção de um avatar na ferramenta do jogo *The Sims* e a segunda, que mostra que sujeito é esse que aparece na literatura infantil.

A Constituição do Sujeito na Contemporaneidade

As provocações já iniciadas direcionam esse artigo para a questão central do trabalho, a saber, a fabricação do sujeito na atualidade. Questão que também perpassa por discussões como gênero e crise ambiental, as quais abrangem assuntos como identidade e a condução da conduta do sujeito.

Discussões tão latentes neste tempo histórico, pois tem ganhado cada vez mais espaço tanto no âmbito nacional quanto internacional. Efervescência percebida pela criação de diversos fóruns e congressos, que tem por finalidade debaterem as problemáticas que envolvem estes dois grandes temas.

Temáticas que são imbricadas a um mundo caótico e em acentuada crise, a qual atinge diversos setores sociais. Nesse panorama, a busca por modelos é ressaltada no discurso circulante, que por sua vez, captura todos com uma grande chamada de “é necessário”! Em tempos de crise “é necessário” um mundo melhor, uma natureza mais verde, uma vida mais saudável e, essencialmente, homens conscientes de suas obrigações com o planeta e com o outro.

Um discurso que envolve toda a sociedade através de um dizer desprendido de quaisquer preconceitos. O tom é de universalidade ou de binarismo (homem/mulher), mas ambos têm o propósito de agregar muitos (homens, mulheres, negros, brancos etc.), na luta para um mundo melhor. No entanto, coloca-se em suspenso tal discurso, que é tão recorrente nesse tempo. E ainda, cabe ressaltar, que para além de apontar o “certo” ou o “errado”, é sim, importante, problematizar as verdades que são propagadas na contemporaneidade.

É pertinente que se analise e “[...] estude os procedimentos e as técnicas utilizadas nos diferentes contextos institucionais, para atuar sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo, para formar, dirigir, modificar sua maneira de se conduzir [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 232). Táticas essas que são empregadas nas relações de poder para a normalização e a disciplinarização dos corpos, visto que recaem “[...] sobre a constituição do sujeito de forma a não necessitar subjugar e impor, mas apenas dar os meios e instigar a sua ação [...]” (FONSECA, 1994, p. 38). Todavia, entende-se que não se configuram pela força ou pelos castigos corporais, mas sim por aquilo que é tomado como bom, saudável, responsável,

correto, participativo, ambiental, em suma, tudo aquilo que conduz a uma “qualidade de vida e de sujeito”. Passetti (2013, p. 15, grifos do autor), comenta que,

o corpo útil e dócil das disciplinas não desaparece, apenas começa a ceder lugar a um corpo que deve produzir inteligência: na empresa, nas fundações, institutos, ONGs. Inteligência voltada ao *desenvolvimento sustentável*, proporcionando uma disputa entre as forças empresariais, seus colaboradores e forças de confrontação, reduzindo a política a *soluções negociadas de conflitos*. A produção de inteligência funciona por meio de programações organizadas por interfaces e deve às práticas diplomáticas em protocolos a projeção da efetivação de *melhorias para um futuro melhor para as gerações*, como recomenda a Carta da Terra (ONU, 2000). Todos devem saber controlar a si e aos outros, contando com suas referidas organizações, aderindo aos monitoramentos normalizadores.

O filósofo Luiz Filipe Pondé (2012, p. 3), ao criticar a fabricação do politicamente correto menciona que:

É a tentativa de reformar o pensamento tornando algumas coisas indizíveis; também é a obscena, para não dizer intimidadora, demonstração de virtude (concebida como a adesão pública às visões ‘corretas’, isto é, ‘progressistas’) por meio de um vocabulário purificado e de sentimentos humanos abstratos.

Ao trazer esses excertos à discussão, intenciona-se destacar que “os interesses **desinteressados** da sociedade civil que passam a compor com os interesses da economia política, por meio das conexões inacabadas entre **indivíduos** e as variadas comunidades em torno do **futuro melhor para as gerações**” (PASSETTI, 2013, p. 20, grifos do autor). Depreende-se assim, o quanto as organizações, governos e sociedade estão empenhados na produção de um sujeito política e ecologicamente correto.

Nessa perspectiva, observa-se que tem surgido na atualidade discursos e enunciados que divulgam uma universalização das diferenças ou um binarismo (homem/mulher), principalmente quando se trata de gênero. Ligam-se a outro discurso potente, a saber, o do politicamente “correto”. A existência de um sujeito universal passa a ser concebida, e assim, uma homogeneidade ou uma unidade lhe é conferida (MARIANO, 2005). A pesquisadora Silvana A. Mariano (2005, p. 484) afirma que,

Temos aqui um problema de duas naturezas com a noção de sujeito: primeiro a crítica ao sujeito masculino como universal, revelando as operações hierárquicas das diferenças sexuais; depois a crítica à essencialização do sujeito (sexo ou classe social), postulando um descentramento da constituição dos sujeitos e das identidades. Nos dois casos, a rejeição à oposição binária masculino/feminino faz-se presente.

O *slogan* universalista e o binário tornam-se uma falácia ao se perceber que o modelo acentuado se configura em apenas um, o do homem loiro, nobre, ocidental, heterossexual, “normal” e civilizado. Heuser (2008, p. 72) aponta que, os “termos que têm sempre um dos elementos da dicotomia privilegiado de tal forma que, longe de se constituir uma oposição horizontal, paritária, cada uma destas dicotomias revela uma hierarquia, que fixa o primeiro termo como cópia mais próxima da Ideia [...]”. É a diferença que ganha um caráter popular, ou seja, a aceitação de todos sem ser questionada. Segundo Mariano (2005, p. 488, grifos da autora),

A desconstrução do sujeito é ao mesmo tempo uma crítica ao sujeito masculino universal e uma crítica ao sujeito ‘mulher’. É comum encontrarmos nos textos feministas contemporâneos a caracterização de uma fase inicial do feminismo que se empenhava em identificar uma unidade em torno da categoria ‘Mulher’, tornando-a universal.

Depreende-se que existem modelos estereotipados fabricados por instituições e mecanismos midiáticos, que promovem o consumo e produzem modos de ser, agir e pensar. Ideal projetado em meio a redes capilares de poder que permeiam a sociedade, que por sua vez, idealizam e fabricam os modelos perfeitos de humanos. Sujeitos esses levam em seus “ombros” uma grande e heroica missão: a de salvar o planeta e produzir um mundo melhor!

A questão é: que sujeito é este que está sendo convocado para a sociedade? Quando o “tom” é de universalização das diferenças, que ideal de sujeito está sendo invocado, fabricado e inventado? Percebe-se que tal perspectiva coloca todos no mesmo patamar, configurando-se uma apropriação das pluralidades dos sujeitos em favor de uma homogeneidade. Conforme Heuser (2008, p. 67), “Um ser que não é único nem análogo, mas é ser da natureza, da diferença, do devir; um ser que pensa e se diz de várias maneiras, mas não se deixa apreender por completo”.

As diferenças são normalizadas a padrões instituídos pela sociedade, assim os sujeitos devem ter a mesma educação, o mesmo modo de pensar etc. Heuser (2008, p. 68), ao comentar Nietzsche afirma que ele “[...] rejeita a unidade do conceito e do fato originário, assim como recusa a vigência de uma unidade subjetiva como regente, por meio de um sujeito fundante do ser, do conhecer e do agir”.

A través de um discurso de totalidade promove-se comportamentos que são geridos por ideologias e, principalmente, por uma rede de saber e poder. Segundo Foucault (2012, p. 238, destaque do autor), “Trata-se de saber como governar sua própria vida para lhe dar a

forma mais bela possível (aos olhos dos outros, de si mesmo e das futuras gerações, para as quais se poderá servir de exemplo)”.

Na esteira desse pensamento, pode-se evidenciar as formas de subjetivação do sujeito na contemporaneidade. Essa entendida como um “[...] processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2012, p. 256). Diante deste processo “as atitudes e comportamentos que lhe interessam são os procedimentos sutis, referentes a maneiras de utilização do tempo, a formas de pronunciamento de discursos, a formas de se usar do corpo e da sexualidade, a maneiras de se expressar e manifestar” (FONSECA, 1994, p. 43).

As formas de subjetivar os sujeitos nesse tempo histórico causam inquietações que despertam a reflexão sobre as verdades produzidas e provocam o rompimento do silêncio dos investigadores. Assim, tem-se o intuito de evidenciar as vozes que pronunciam, reforçam e, por sua vez, incidem em um discurso que permeia instituições. Nesse sentido, na próxima seção apresentar-se-ão as visibilidades desse discurso que acentua modelos de sujeitos para a sociedade.

Que sujeito é este que está sendo convocado para a sociedade?

É fato que os sujeitos desse tempo histórico são constituídos pelas experiências de vida e pela influência de diversos artefatos culturais. Artefatos estes, que se tornam ferramentas que auxiliam na fabricação de verdades no mundo contemporâneo. Cabe destacar que se compreende por artefato cultural, sob o viés dos estudos culturais, uma prática, um objeto, um conceito, etc. que é “[...] o resultado de um processo de construção social” (SILVA, 2015, p. 134). Esses passam a produzir significados, criam modelos, instituem verdades e representações para os sujeitos e o meio ambiente. De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57, grifos dos autores),

[...] somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponham. Particulares visões de mundo, de gênero, de sexualidade, de cidadania entram em nossas vidas diariamente. É a isto que nos referimos quando usamos as expressões currículo cultural e pedagogia da mídia. Currículo cultural diz respeito às representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que está sendo ensinado por elas. *Pedagogia da mídia* refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com

efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras.

Diante do exposto, indaga-se se ainda é possível falar de acentuação de estereótipos e de gênero para os sujeitos. Será que ambos os discursos – o de universalização e o binário – abrangem a diversidade de sujeitos existentes? Nessa perspectiva, atenta-se para as palavras do sociólogo Bauman (2007, p. 37, destaques do autor), o qual afirma que,

Se o excedente populacional (a parte que não pode ser reassimilada aos padrões de vida “normal” e reclassificada na categoria de membros “úteis” da sociedade) pode ser rotineiramente removido e transportado para além das fronteiras da área fechada, dentro da qual se busca a estabilidade econômica e o equilíbrio social, as pessoas que escapam ao transporte e permanecem dentro dessa área, mesmo que momentaneamente excedentes, são destinadas à “reciclagem” ou à “reabilitação”. Estão “fora” apenas por enquanto, seu estado de exclusão é uma anomalia que exige ser curada e implica uma terapia [...].

Na esteira deste pensamento, compreende-se que existem normas e normalidades almeçadas pela sociedade. Desejo esse que se traduz em, “quanto mais a população ‘em excesso’ permanece do lado de dentro e anda ao lado dos ‘úteis’ e ‘legítimos’ restante, menos claras e tranquilizadoras parecem as linhas que separam a ‘normalidade’ da ‘anormalidade’ [...]” (BAUMAN, 2007, p. 37, destaques do autor). Assim, entende-se que há questões que ainda não foram vencidas, e que por isso, necessitam ser percebidas e debatidas.

Nesse sentido, os materiais analisados, a literatura infantil e a construção de um avatar, mostram as visibilidades de um dado discurso presente nesse tempo. Observa-se que tanto a literatura infantil quanto os jogos eletrônicos estão fortemente presentes no cotidiano infantil, ensinando como ser, agir e pensar. Por isso, compreende-se que esses fabricam e reforçam modelos.

A análise restringe-se à ferramenta de criação de avatar encontrada no jogo *The Sims*¹, da *Electronic Arts*, edição de 2009. Ferramenta que permite ao jogador produzir um personagem com diversas características físicas, com opção de dois gêneros (feminino ou masculino), acompanhadas das opções de acessórios para o gênero escolhido. Destaca-se que tal ferramenta é comum aos *games* atuais. A ferramenta de criação foi utilizada em uma intervenção em 2015, em uma turma de 2º ano, composta por 21 crianças entre 7 e 8 anos (composta por 14 meninos e 7 meninas) de uma escola pública municipal.

¹ O jogo faz parte de uma linha que busca simular situações cotidianas dos sujeitos, pois os *Sims* (avatars) estudam, casam-se, têm filhos etc. A imersão propicia que o jogador se sinta dentro do jogo, vivenciando e controlando situações que apontem para um dado objetivo.

Os sujeitos foram investigados buscando-se identificar os discursos que os tem capturado, que enunciam a necessidade de se preparar futuras gerações, e conseqüentemente, modelam modos de ser política e ecologicamente correto. Tomou-se esse viés investigativo por se entender que os artefatos culturais (literatura infantil, jogos etc.) passam a ser mecanismos que se propõem a disciplinar os sujeitos. Nesse sentido, cabe ressaltar que para Foucault (1987, p. 164), disciplina são “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]”.

A proposta de criação do avatar consistia em criar o vigésimo segundo integrante da turma. Por isso, deveria ser elaborado coletivamente e conter características dadas pela turma, ou seja, cada criança recebeu o nome de uma parte do corpo, afim de que indicassem aspectos do personagem. Também indicaram gostos e características da personalidade do avatar. Assim, caracterizaram cabelos, olhos, nariz, boca, tom da pele, altura, físico, ...vestuário; acessórios; gostos e personalidade.

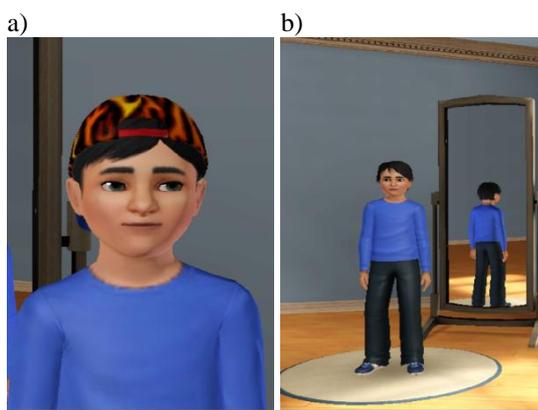
O gênero e o nome foram escolhidos mediante a indicação e votação da turma. A grande maioria (17 alunos) elegeu um personagem masculino, mas houve 3 votos que indicaram menino/menina, assim não houve nenhum voto para que o novo integrante fosse uma menina. Quanto a escolha do nome do personagem, surgiram nomes de super-heróis (Capitão América, *Superman*, *Harry Potter*), nomes femininos (Manuela) e nomes masculino/feminino (Lucas Ariel). Como grande vencedor do pleito teve-se “Toum”, nome de um personagem de desenho animado, como lembrado pelos investigados. Para Seffner (2015, p. 194, destaques do autor),

Não é difícil estabelecer o conjunto de marcadores de que são portadores, em graus variáveis, esses indivíduos e grupos sociais que se mantêm no topo da pirâmide social. Eles são brancos, homens, heterossexuais, rico, moradores do ambiente urbano [...], jovens ou adultos jovens, provenientes de “boas” famílias [...] magros, bonitos, entre outros atributos de superioridade reforçados, por exemplo, pela mídia (novelas, propagandas, filmes, colunas sociais etc.).

Ao escolherem o tipo físico, colocou-se inicialmente o personagem corpulento, já que desejava-se ver as reações do grupo, mas o repúdio e risadas vieram imediatamente, assim optaram por um avatar magro. Na escolha da cor da pele, propositalmente colocou-se o personagem com a pele negra, o que fez surgir falas como: *Está cor não, está cor não!* Fala praticamente unânime, até mesmo dos alunos negros. Sendo assim, o personagem é um menino magro de pele branca e olhos verdes, como mostra a Figura 1.

Nessa perspectiva, pode-se analisar a indicação dos nomes de heróis que surgem, os quais são mostrados na mídia como sendo brancos, olhos claros, magros e heterossexuais. Percebe-se a estranheza dos sujeitos investigados ao aparecer nomes femininos ou mesclados (masculino/feminino), gerando indicações em um sentido pejorativo, como por exemplo, do aluno que indicou o nome mesclado, o qual é apontado pelos colegas como aquele que tem comportamentos “estranhos”.

Figura 1 – Toum



Seffner (2015, p. 196), comenta que,

Ao pensar sobre a expressão da diversidade nesses dois campos, o gênero e o da sexualidade, apresento e discuto seu contraponto, a existência de uma norma não escrita, mas poderosa e atuante, que conduz à supervalorização unicamente dos corpos e dos desejos heterossexual, a heteronormatividade, também chamada de heteronormatividade compulsória.

Ainda é preciso perceber que, de acordo com Silveira (2002), é necessário considerar que as falas das crianças não são apenas vozes de crianças, mas sim um emaranhado de vozes, que possibilitam reconhecer quais são seus interlocutores, no mesmo passo em que a investigação volta seu olhar “aos mecanismos discursivos que mostram, deixam transparecer ou mesmo silenciam vozes enunciativas e não apenas vozes empíricas” (idem, p. 79).

Os mecanismos midiáticos são claros e evidentes no que diz respeito a promover modelos. Para tanto, o que é possível encontrar na literatura infantil, visto que é um artefato presente na escola? Para esclarecer de que literatura infantil se refere é preciso destacar que os livros colocados em análise neste texto são parte do acervo complementar disponibilizado pelo Plano Nacional do Livro Didático que compõe uma série de materiais distribuídos para as escolas públicas do país com o intuito de auxiliar o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. O olhar lançado sobre esse artefato deu-se a partir de um estranhamento, que instigou as análises dos ensinamentos sobre Educação Ambiental que os livros contêm. De acordo com Argüello (2005, p. 76):

A literatura é uma das diversas roupagens que vestem as práticas pelas quais os sujeitos são interpelados, é discurso e ao mesmo tempo é criatura do discurso, exercendo uma função reguladora pelas representações nela existentes, sendo ao mesmo tempo regulada pelos discursos que se pretendem hegemônicos.

Dessa forma, após mexer e remexer o material de análise diversas vezes, em conjunto com os questionamentos levantados no grupo de pesquisa, deparou-se com a recorrência de personagens masculinos nessas histórias (há predominância de meninos como personagem principal; aparecem em oito dos quinze livros analisados na pesquisa). Além da predominância masculina, as características dos personagens também chamaram atenção: tratam-se de meninos brancos, cabelos claros ou pretos, que conseguem resolver os problemas apontados nas histórias. Assim, observa-se que na criação do avatar Toum e na literatura infantil, existe uma espécie de modelo de sujeito. Pode-se observar essas características a partir das imagens da Figura 2.

Figura 2 – O sujeito na literatura infantil



Zeca, Pedro, Nando, Pedro, Jonas e Frederico Godofredo e o Homem são os personagens dos livros. Rubens, um outro menino que aparece em outra história, não apresenta ilustração. Ao pensar na literatura infantil como um artefato cultural é preciso destacar que de acordo com Culler (1999, p. 84), “as histórias são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo”. Assim, essas histórias infantis estão relacionadas com as narrativas e os modos de vida de um determinado tempo. Neste caso, tratando-se da relação entre a literatura infantil e a Educação Ambiental, vê-se nestes exemplos a predominância do gênero masculino como o personagem tido como herói, ou o que faz a denúncia de algum problema, assim como a responsabilidade pela solução.

Ao apresentar nas narrativas certas formas de ser e estar em relação ao que se faz no planeta, estes livros colocam em funcionamento uma série de ditos que se aliam aos discursos, reafirmando modos de ser e incidindo diretamente na constituição dos sujeitos deste tempo. Ao entender-se que as histórias apresentam inicialmente um cenário, personagens, um problema e logo em seguida uma solução, cada personagem principal do enredo é responsável pelas estratégias que serão colocadas em prática para que ao final o problema seja sanado. No

caso das questões ambientais, os problemas abordados são o lixo, a poluição de forma geral, a reciclagem e as consequências do comportamento humano para o planeta.

Nessa correnteza, questiona-se a predominância de personagens do gênero masculino; é preciso que minimamente se discutam as questões relacionadas este campo de saber. Faz-se necessário delimitar o que, neste estudo, entende-se como gênero: “ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo” (MEYER, 2003, p. 16). Pensando nessa seara é necessário que se tenha claro que:

Isso implica, portanto, analisar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que produzem e/ou educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, sobretudo se quisermos investir em possibilidades de propor intervenções que permitam modificar, minimamente, as relações de poder de gênero vigentes na sociedade em que vivemos (idem, p.18).

Os estudos sobre gênero vêm tomando força, principalmente a partir da década de 1970 e trazendo para o campo dos movimentos sociais inúmeras discussões. A partir dessas discussões também é preciso compreender que o que se entende hoje como homem e mulher está diretamente ligado com as relações de poder que se estabelecem a partir dessas lutas. A mídia, a literatura, os desenhos animados e alguns filmes também estão permeados de significados que ensinam o que é ser homem e mulher na contemporaneidade. Com isso, ao lançar-se um olhar para a literatura infantil e para os jogos, se percebe como artefatos culturais são carregados de sentidos. Quando se analisa o papel do gênero masculino e do gênero feminino, pode-se constatar que nestes materiais, o gênero masculino aparece como aquele que apresenta características heroicas, corajosas, inventivas e capaz de solucionar problemas. Já a mulher, em segundo plano, auxilia nessa resolução, tendo um papel menor. Pode-se observar isso nas histórias *Não afunde no lixo* e *Se o lixo falasse*:

Zeca pega uns sacos vazios e sai com Pipoca chamando os amigos da rua.
Zeca chama o Alfredo, a Aninha e o Pinduca e a Tati.

— Zeca, onde as pessoas podem jogar o lixo? — Pergunta Aninha.

— Cada um pode guardar o seu lixo e jogá-lo na lixeira de casa.

Zeca, com a ajuda dos meninos, recolhe o lixo comum e guarda num saco maior. Os amigos seguem, pegando tudo o que encontram: latas vazias, restos de papel, garrafas, papelão... e até um pedaço de pneu, largado na calçada. (BERCHARA, 2011, p. 15-24, grifo nosso).

— Entendo, entendo, mas você está me deixando confuso. Só falta a *pentelha da minha irmãzinha* chegar e me ver conversando com você. *Fofoqueira* como é, vai

espalhar pra todo mundo que eu fiquei biruta... Eu não estou a fim de aguentar provocações de ninguém.

E foi assim que Pedrinho fez sua segunda conquista. Da sua família só faltava a *pentelha da sua irmãzinha*. Mas o dia dela iria chegar quando ela menos esperasse. (CARRARO, 2011, p.16 e 22, grifo nosso).

Nos dois fragmentos, o papel das meninas é de coadjuvante, ou seja, os meninos é que tomam a frente na resolução dos problemas. No primeiro excerto, Aninha e Tati pouco aparecem, por outro lado, fica evidente o papel dos meninos ao tentar resolver o problema do lixo que tomava conta do bairro. Já no outro trecho, Pedrinho, o personagem principal tenta convencer a todos que o lixo não é lixo e sim material reciclável, porém quando chega a vez da irmã, refere-se a ela com palavras pejorativas, como “pentelha” e “fofoqueira”. Argüello (2005, p. 81) aponta que o homem “é comumente apresentado como um agente que tem seu campo de ação no mundo exterior, enquanto a mulher é delineada como um ser passivo que tem como função ocupar uma posição de apoio ao elemento masculino, configurando-se no outro dele, a norma.”. Colaborando com a autora, Pires (2005, p. 102) diz que:

O par homem/mulher, um dos binômios mais inquestionáveis em nossa sociedade, se apresenta normalmente como a relação antagonica entre dois polos extremos, com características dadas a priori e onde ser um deles significa ter que excluir totalmente as características atribuídas ao outro do par. Esta concepção é questionada pelas atuais abordagens de gênero.

Segundo a autora, tais concepções são colocadas em cheque e autoras como Babette Colle, Ruch Rocha entre outros, já tratam de mostrar outra face da princesa dos contos de fadas e também do príncipe, mostrando-o como um homem comum e que até apresenta algumas fragilidades, diferentemente dos contos que se está acostumado a ler e ouvir desde a infância. Princesas que não se preocupam com o casamento e que querem ter uma vida aventureira caçando dragões têm tomado o lugar daquela que estava à espera de ser salva pelo belo príncipe na torre mais alta do castelo. Aos poucos vê-se que esse movimento vem mostrando também que se vive em um tempo onde muitas verdades estão sendo questionadas. Por outro lado, Pires ressalta também que apesar de atualmente alguns autores se preocuparem em desconstruir alguns estereótipos, como o binarismo de gênero, estas obras ainda são de difícil acesso ao público geral. Dessa forma, para Bujes (2002), a literatura ainda cumpre um papel de demarcar valores sociais, estando permeada por relações de poder que “ao tomar a criança como um sujeito/objeto cultural”, age diretamente na fabricação desse sujeito a partir de marcadores sociais, operacionalizando um determinado regime de verdade.

Dando-se seguimento às análises, os demais livros trazem personagens do gênero masculino e não apresentam personagens femininos em sua trama:

Pedro levanta da cama.
Caminha e vai seguindo o barulho.
Vê o pingo querendo mergulhar na bica.
Fecha a torneira com força.
O pingo volta para dentro.
Agora não, pingo fujão!
— Os rios ficam felizes.
As plantas balançam.
A festa começa. (LUTTEMBARCK, 2011, p. 5-6, grifo nosso).

Olá, eu sou o Nando. Eu tenho 7 anos, moro numa cidade divertida que seria melhor se não fosse poluída. E por falar em poluição. Você sabe o que é? NÃO?! A poluição do ar é fumaça da fábrica, de um carro que passa, e outro, e outro, e outro... E a gente perde o fôlego. (DOMENICO, 2009, s/p, grifo nosso).

Frederico Godofredo gostava também das coisas descartadas, dos brinquedos jogados fora, e até dos quebrados. Se a maioria das crianças pedia papel novo, ele preferia, como Darwin, desenhar no verso de papéis usados. Sentia que assim ajudava a preservar a natureza. (LEÃO, 2010, p. 13, grifo nosso).

O carteiro chegou pontualmente. Entregou um saco plástico verde com o nome e o endereço de Jonas na etiqueta adesiva. Ele rasgou o saco, colocou no cesto de lixo reservado para os sacos plásticos, deu um tchau apressado para o carteiro e correu para ler as cinco revistas que acabavam de chegar. (SOCORRO, 2010, p. 10, grifo nosso).

O homem pensava que mandava no planeta Terra e que a chuva, o sol, o rio, a noite, o dia, as estrelas e a lua estavam sob seu domínio. Ele achava que a guerra era pra ele conseguir dominar tudo. (GOMES, 2010, p. 13, grifo nosso).

De acordo com os excertos, os meninos tomados como personagens principais, apresentam atitudes que são consideradas positivas em relação ao descarte de lixo, cuidado com a água e reutilização de materiais, sendo que apenas um deles demarca o comportamento negativo, porém ainda com personagem do gênero masculino. Nota-se que além de uma forma de mostrar quais comportamentos tomar em relação ao cuidado com o planeta, também corrobora com a discussão proposta neste artigo, onde aponta-se a predominância do homem como agente responsável pela resolução de problemas. Fica evidente um modelo de homem acionado pelas histórias, um homem que, de acordo com o referencial teórico apresentado, não pode ser encarado como um ser universal.

A partir do momento que este padrão é posto em evidência, outros tantos são silenciados em relação à raça, etnia e gênero. Ao apontar para o prevalecimento do gênero masculino, não se aceita este estereótipo como representante de todos os homens, mas sim de um certo modelo de sujeito que é forjado através de relações de poder e que se busca alcançar.

Considerações Finais

A partir do exposto, é possível, a partir dos materiais analisados, traçar um perfil de ser humano apto a lidar e solucionar problemas, no caso, ligados às questões ambientais. O homem, com suas características heroicas, aparece como agente principal na resolução dos conflitos, não diferenciando muito do papel do príncipe que estava disposto a enfrentar os perigos para salvar a princesa. Condição que permite pensar o papel do homem como o de salvador do planeta, capaz de mobilizar outros agentes nessa missão.

Ressalta-se que a intenção desse trabalho foi provocar o pensamento e desacomodar algumas verdades estabelecidas, portanto, longe de determinar uma condição de verdade. É preciso compreender que apesar das discussões de gênero se mostrarem efervescentes, assim como as problemáticas ambientais, a sociedade ainda é educada a olhar e pensar de determinada maneira e não de outra.

Todos de alguma forma se encontram imersos nessa rede discursiva e, por hora, entende-se que talvez ao se questionar tais padrões – na esteira dos autores pós-estruturalistas – se caminhe para uma outra forma de olhar para a literatura infantil e para os jogos, não como artefatos neutros, mas encharcados de ensinamentos que incidem na constituição dos sujeitos desse tempo.

Referências

ARGÜELLO, Zandra Elisa. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6961>> Acesso em: 6 mar. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&M, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**. São Paulo: Beca, 1999.

DOMENICO, Guga. **A poluição tem solução**. São Paulo: Voltaemeia, 2009.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 3ed. São Paulo: EDUC, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: ética; sexualidade; política. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Clara Rosa Cruz. **Quem é o centro do mundo**. São Paulo: elementar, 2010.

HEUSER, Ester Maria Dreber. No rastro da filosofia da diferença. In: SKLIAR, Carlos. **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEÃO, Liana. **Frederico Godofredo**. São Paulo: Elementar, 2010.

LUTTEMBARCK, Alice. Pinga pingo pingado. São Paulo: Fino Traço Editora, 2011.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminino e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.13 no.3, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300002>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MEYER, Dagmar. *et. alii*. Educação, Saúde, Gênero e Mídia um estudo sobre HIV/AIDS-DSTs com agentes comunitários/as de saúde do programa de Saúde da Família em Porto Alegre, RS. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

PASSETTI, Edson. Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 5, p. 2-37, jan.-abr. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. Análise da Figura Masculina na literatura infantil. **Revista Ártemis**, vol. 2. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2353/2079>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da filosofia**. São Paulo: Leya, 2012.

SEFFNER, Fernando. A produção da diversidade e da diferença no campo do gênero e da sexualidade: enfrentamentos ao regime da heteronormatividade. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais & educação**: contingências, articulações, aventuras, dispersões. Canoas: ULBRA, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVEIRA, Rosa Hessel. “Olha quem está falando agora!” A escuta das vozes na educação. In: **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Marisa Vorraber Costa (org.) 2 ed. Rio de Janeiro: DP7A, 2002.

SOCORRO, Acioli. **A quarta-feira de Jonas**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.